
Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

Biopolitical strategies to manage old aging in present days: educating through media

Jaira Picanço Duarte
Paula Corrêa Henning
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Rio Grande, RS - Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar a partir do filósofo Michel Foucault, como nossa atualidade, tramada por estratégias biopolíticas, determina as condutas e subjetiva os sujeitos-velhos. Para isso, nos utilizaremos da mídia enquanto uma ferramenta que educa a população, para problematizar os discursos de verdades trazidos no *web site* Portal do Envelhecimento. Ao final desse estudo é possível afirmar que os discursos científicos contribuem fortemente para a condução das condutas, definindo modos de vida dos sujeitos-velhos. Trata-se de estratégias de intervenção, que tomam a ciência, como respaldo para suas produções. Os discursos de verdade, as estratégias de intervenção e os modos de subjetivação são elementos fundamentais para colocar em operação as estratégias biopolíticas de controle da vida.

Palavras-chave: Educação; Velhice; Biopolítica.

Abstract

The purpose of this article is to show, through the words of Michael Foucault, how our present days, using biopolitical strategies, determine the practices and subjectify the elderly. For this, we will use media as a tool that educates people to problematize the truth-telling brought on the *website* Portal do Envelhecimento (Aging Portal). By the end of this study, it is possible to affirm that scientific studies strongly contribute to the conduction of practices, thus structuring the way of life of the elderly. It is intervention strategies that science uses as support for their productions. Truth-telling, intervention strategies, and forms of subjectivation are fundamental elements to put in practice the biopolitical strategies of life control.

Keywords: Education; Old age; Biopolitics.

Introdução

Falar sobre velhice atualmente tem se tornado algo muito recorrente em nossa sociedade, principalmente pelo seu grande e acelerado crescimento. Como consequência disso, houve a necessidade de olhar mais para essa população e principalmente pensar em investimentos tanto no âmbito da saúde, onde o enfoque se deu na preocupação com a qualidade de vida, quanto no âmbito social, onde uma série de questões a respeito da longevidade destes sujeitos gerou certa atenção.

Com o crescimento dessa população, surge um novo desafio para o Estado, o de identificar, mapear e organizar os sujeitos-velhos para que se possa pensar em estratégias de controle e medidas de organização dessa população. Diante disso, começam a aparecer discursos com o intuito de conduzir esse coletivo de sujeitos a alcançar não só a longevidade, mas uma longevidade com qualidade de vida. Partindo desse ponto, pesquisas de diversas áreas se encarregam de dizer e mostrar como essas pessoas devem se alimentar, dormir, consumir, enfim, como elas devem proceder para alcançar a “melhor idade”.

Apesar dessa população ter se tornado alvo de diferentes discursos e estratégias de poder, por decorrência do crescente aumento dela, o Brasil não se projetou para atender às necessidades que emergiram, resultando com que a população idosa seja tratada como um “problema” para a família, para o Estado e também para a sociedade.

Tratar o envelhecimento como um problema social é um profundo desrespeito com aqueles que construíram e sustentaram uma sociedade, com seu poder de decisão e autonomia. E hoje, mesmo não querendo delegar seu direito de decisão a outros, suas opiniões são descartadas e eles são tratados como um encargo para a sociedade (JARDIM *et al*, 2006, p. 28).

Além da necessidade de políticas públicas que os atendam, também é necessário que a população se envolva nos processos de envelhecimento e tenha um olhar cuidadoso para com essa população, alterando a ideia de “encargo” que lhes é atribuída.

Com isso, é necessário entendermos o papel da educação na formação e no acesso a essas informações e compreender que ela não se dá apenas dentro das escolas. Vivemos em uma era tecnológica e, como consequência disso, a mídia se tornou uma importante ferramenta de e para a educação da população. Além do mais, as mídias podem ter um papel fundamental na contribuição de um olhar mais cuidadoso com os idosos, o que perpassa pela ideia de respeito, dignidade, valorização, etc.

A educação se consolida em diferentes espaços: na mídia, nos espaços de encontros, nas Organizações Não-Governamentais, nas relações familiares, entre outros. Andrade e Costa afirmam que “Desde que surgiu nas discussões acadêmicas dos Estudos Culturais em Educação, o conceito de pedagogias culturais têm se mostrado uma produtiva ferramenta teórica que vem possibilitando a articulação de várias áreas com o campo da Educação” (2015, p. 49).

Dessa forma, pensar o envelhecimento atualmente é pensar nas relações e no contexto histórico, social, cultural e econômico em que esses sujeitos estão inseridos e que contribuem ativamente para sua constituição. Ou seja, tanto os discursos científicos como os processos históricos e as relações cotidianas fabricam nosso tempo atual.

Quando pensamos no campo da educação, imediatamente nos vem à mente uma educação formal, uma educação de sala de aula, porém sabemos que já não é bem assim. A educação se dá também em espaços não formais os quais do mesmo modo constituem e subjetivam os sujeitos, em diversos momentos, saberes científicos, culturais e midiáticos se entrecruzam, ou seja, podemos dizer que essa educação está atrelada aos Estudos Culturais (EC) e mais ainda às Pedagogias Culturais.

Dito isso, Costa *et al* explicam que:

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio as movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (2003, p. 37).

Andrade (2014) ainda explica que dentro do referencial dos EC, existe a expressão Pedagogias Culturais que surge no Brasil e que se torna um conceito muito acionado, pois atrelado a diversas áreas do conhecimentos se consegue articular os objetos de análise com o campo da Educação. Nesse sentido, tanto os Estudos Culturais quanto as Pedagogias Culturais estão sendo muito utilizadas no campo da construção do conhecimento científico. Wortmann (2008) relata que a produção científica é uma resultante das construções sócio-culturais, pois trazem a prática e o conhecimento científico para o cotidiano, retirando-os do âmbito exclusivo da epistemologia.

Além disso, as pedagogias culturais surgem como uma ferramenta teórica voltada para a discussão entre os artefatos da cultura e os processos educativos. Ou seja, o conceito

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

de pedagogias culturais se tornou um instrumento útil “[...] tanto para expandir, multiplicar e matizar o entendimento sobre pedagogia, quanto para explorar as qualidades pedagógicas da vida social” (ANDRADE; COSTA, 2015, p.49-50).

As relações assimétricas de poder, força, prestígio, controle e dominação vão exercer efeitos construtivos nos sujeitos que são envolvidos nessas relações como também sobre as epístemas que vão orientar suas ações e suas práticas (WORTMANN, 2008). Desse modo, o sujeito é fruto dessas relações assimétricas que determinam sua constituição, essas relações se dão em esferas micro, simples do dia a dia, até serem produzidas em relações maiores e que irão orientar as ações e as práticas desses sujeitos a partir, por exemplo, das legislações.

A partir dessas premissas, este artigo faz parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado que teve como propósito problematizar a velhice na atualidade a partir das orientações que se produzem para a constituição do idoso e que vão, paulatinamente, educando a população. Nesse artigo, tomando Michel Foucault como nosso intercessor, miramos as tramas de estratégias biopolíticas que determinam as condutas e subjetivam os sujeitos-velhos. Realizamos isso, olhando com cuidado e atenção para os ditos apresentados no *web site* chamado Portal do Envelhecimento.

O Portal do Envelhecimento foi criado no ano de 2004 pelo Programa de Pós Graduação em Gerontologia e seu Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e tem por objetivo contribuir para a construção de conhecimentos a respeito da velhice. Nele encontramos profissionais e pesquisadores que o alimentam diariamente com notícias e informações sobre este tema.

Nesses materiais vemos reportagens acerca de doenças que acometem os sujeitos-velhos, prevenções, relatos e histórias de idosos(as), dicas de alimentação, cuidados com a saúde, longevidade, autoestima, entre outros. As reportagens são pautadas e trazem dados estatísticos que a ciência produz hoje, através do olhar dos experts para a condução da velhice pautada em uma ‘vida saudável’.

Para dar conta desse objetivo, organizamos este artigo em três seções. Nessa primeira seção expusemos os contornos da pesquisa. Na próxima, problematizamos os discursos de verdade a partir da ciência que vão conduzir os sujeitos-velhos na busca de uma vida saudável de acordo com o *web site* Portal do Envelhecimento. E na última seção,

trazemos algumas considerações finais a fim de provocar o leitor a pensar nessas estratégias biopolíticas de condução da vida que definem e constituem uma dada população.

A verdade da ciência na condução da vida saudável

Conforme sabemos, a ciência é um elemento que vai conduzir os sujeitos-velhos, moldando seus corpos, subjetivando-os e fazendo com que eles optem por uma vida seguindo os padrões dados como “certos” pela sociedade para terem uma velhice saudável e com mais autonomia. Aqui utilizamos o termo “saudável” baseado no conceito empregado pelo Ministério da Saúde que expõe que:

Ter uma vida saudável é mais do que ter um corpo saudável. Viver saudável inclui diversos aspectos relacionados ao modo como vivemos. Dependem da cultura, da crença e dos valores que compartilhamos com a comunidade em que fomos criados. Essa combinação de aspectos individuais e coletivos, associada a fatores como as reações emocionais, estresse, nervosismo, medo, ou tranquilidade, alegria, entusiasmo, nos mostra o quanto é complexo pensar a saúde e falar de modo de viver saudável (BRASIL, 2008, s/p).

Na sociedade contemporânea, o envelhecimento da população tem se tornado uma grande preocupação, o que tem motivado pesquisas e estudos por parte dos expertos de diversas áreas com o objetivo de fazer com que essa população viva mais e melhor.

Márcio da Fonseca nos ajuda a entender sobre os processos de subjetivação e objetivação quando explica, baseado em Foucault, que o sujeito moderno “[...] é necessariamente situado e dependente, sem que aí jamais possa figurar como titular. Tal domínio é o domínio do saber” (2016, p. 21). Isto é, determinar o sujeito moderno na sociedade como um indivíduo situado e dependente, afasta-se da ideia de um sujeito transcendental e aproxima-se da ideia de que os sujeitos são constituídos através de práticas discursivas, as quais os subjetivam e os situam de acordo com os saberes produzidos no momento.

Para adentrarmos na questão da produção e da constituição dos sujeitos, precisamos entender que essas práticas são frutos das estratégias biopolíticas de gestão da vida, as quais vão operar pautando-se nos saberes para controlar a população. Desse modo, o biopoder opera no exercício da governamentalidade. Foucault (2012, p. 152) mostra que um poder (disciplinar) não substitui o outro (biopoder), mas que eles se complementam:

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo.

A governamentalidade para Foucault (2008) é uma estratégia que se opõe ao poder soberano, o qual ditava o que os indivíduos tinham ou não que fazer. Aqui, trata-se de conduzir as condutas para que a população tome escolhas como próprias e “autônomas”, aceitando isso como o melhor para si.

Segundo uma reportagem do Portal do Envelhecimento que aborda a questão do envelhecimento saudável atrelado à Universidade Aberta do Brasil para os idosos, percebemos a governamentalidade em movimento. Tal reportagem traz que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o papel do ensino superior no processo de envelhecimento proporciona “[...] oportunidades de participação social e desempenho de funções sociais significativas, combatendo assim processos que marginalizam e isolam os idosos” (A UNIVERSIDADE, 2019, s/p). Além disso, esta mesma reportagem ainda traz que os programas universitários para idosos:

[...] desempenham um papel importante no desenvolvimento e promoção do envelhecimento ativo e bem-sucedido no contexto da participação social. No campo cognitivo, há evidências crescentes sobre a eficácia de tais intervenções na promoção do envelhecimento ativo como uma estratégia preventiva do comprometimento cognitivo para compensar o declínio associado ao processo de envelhecimento e promover a autopercepção positiva do envelhecimento, cuidados pessoais e estado de saúde.

Ao pensarmos nessa gestão da vida chamada governamentalidade, precisamos atrelar isso às estratégias de captura que produzem desejos e necessidades nos sujeitos, os quais acabam tomando e assumindo como seus/suas, isto é, são conduzidos e aceitam esse governo de acordo com o que a ciência e os órgãos competentes vão ditar como o melhor ou fixar como ideal. Em seu curso *Segurança, Território e População*, Foucault (2008, p. 95) explica que o desejo é o motor de ação da população, pois é através dele que os sujeitos irão agir e a naturalidade desse desejo fará com que seja mais fácil o gerenciamento da população pelas técnicas governamentais. Ainda sobre o desejo, o autor explica que:

O desejo é a busca do interesse para o indivíduo. O indivíduo, de resto, pode perfeitamente se enganar, em seu desejo, quanto ao seu interesse pessoal, mas há uma coisa que não engana: que o jogo espontâneo ou, em todo caso, espontâneo e, ao mesmo tempo, regado do desejo permitirá de fato a produção de um

interesse, de algo que é interessante para a própria população. Produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade possível dos meios criados para geri-la.

Além disso, as relações que se estabelecem entre os saberes científicos e as relações de poder vão constituindo indivíduos sujeitados, os quais assumem os discursos como seus e desejam uma condução de suas condutas. Conseqüentemente, aqueles sujeitos que se negarem ou se absterem de seguir esse “caminho”, serão culpabilizados pelos seus fracassos e vistos como incapazes não só pelo olhar do outro, mas também pelo seu próprio olhar.

Rabinow e Rose (2006) corroboram com isso quando trazem que o conceito atual de biopoder deve incluir alguns elementos, tais como: discursos de verdade que tratem sobre o caráter vital dos indivíduos juntamente com pessoas consideradas competentes para falar tal verdade; estratégias de intervenção sobre a vida coletiva; e modos de subjetivação, onde os sujeitos atuam sobre si próprios através de uma autoridade em relação aos discursos de verdade, seja em nome de si e de sua saúde e vida ou então de sua família ou da população como um todo.

A partir disso, podemos dizer que temos os discursos que tratam sobre envelhecimento, prevenção e cuidados através do que a ciência vai ditar e convencer os indivíduos da veracidade; princípios e informações de como envelhecer e; atrelado a tudo isso, a subjetivação dos sujeitos-velhos a ter um estilo de vida para prolongar seu tempo com saúde e bem-estar. Paula Henning (2019, p. 372, grifo da autora) nos ajuda a entender os mecanismos de captura do biopoder quando diz que:

A biopolítica agindo racionalmente lança mão de saberes específicos, cria condições para colocar em funcionamento ações desejadas e *necessárias* às populações, intervindo, direta ou indiretamente, nas vidas mais íntimas dos sujeitos contemporâneos.

Podemos dizer que a ciência é apenas uma parte que vai sujeitar os indivíduos, pois juntamente com esses saberes entram as relações de poder, as quais vão tensionar esses saberes científicos somando-se aos jogos que se dão e que são colocados pelos órgãos competentes e gestores e pelos próprios indivíduos, ou seja, essas informações passam a fazer parte de nós, nos subjetivando por tais discursos e reproduzindo-os em nosso dia a dia.

Carmem Soares (2009, p. 64) explica que as políticas que promovem saúde e bem-estar, trabalham com as chamadas “campanhas” que tem por objetivo educar a população a

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

cuidar de si, é por meio delas que os sujeitos são chamados ao controle e a manutenção de seus corpos. Ainda, com o aumento das campanhas haverá uma maior intensidade nos “[...] controles legais sobre a intimidade dos desejos e sobre a tolerância dos vícios [...]”.

Soares (2009, p. 65) explica ainda que:

Se o corpo sempre foi objeto de educação e cuidado, de intervenção e controle, a sociedade contemporânea é aquela que, ao expandir de maneira infinita os territórios do corpo, o faz a partir de um investimento científico na intimidade de sua fisiologia, na gestão de seus desejos.

Esse corpo submetido ao controle e ao cuidado individual, passa também a ser cuidado e “fiscalizado” de maneira coletiva, uns pelos outros: no trabalho, em casa, na cidade onde vive, etc. A partir desse cuidado e desse medo de ser o agente causador de suas próprias patologias, a prevenção baseada em saberes médicos e científicos começa a ganhar espaço e a se propagar através de diversos meios para alcançar os sujeitos.

Através do Portal do Envelhecimento, identificamos a presença desses conhecimentos (médicos e científicos) na mídia, fortalecendo as relações saber-poder. Trazemos aqui uma reportagem que trata da prevenção de uma doença chamada sarcopenia, que é caracterizada pela perda progressiva de força e de massa muscular. Nessa reportagem esse problema é trazido e explicado ao(à) leitor(a):

A redução de força muscular começa, do ponto de vista fisiológico, ou seja, um processo normal e que caracteriza o envelhecer da espécie humana, entre os 30 ou 40 anos, diminuindo 1,5% ao ano a partir dos 60 anos e 3% nos anos seguintes. Como resultado, nos idosos, a força muscular pode ter um decréscimo de 20-50%. Segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), cerca de 15% dos brasileiros têm sarcopenia a partir dos 60 anos de idade, chegando a 46% após os 80 anos (SARCOPIENIA, 2020, s/p).

Podemos perceber que junto da explicação, dados científicos e estatísticos são trazidos para demonstrar que os resultados obtidos são frutos dos saberes produzidos através de estudos e pesquisas a respeito do tema. Ao final da reportagem, a prevenção surge com o intuito de fazer com que os sujeitos-velhos ou seus tutores, possam prevenir este mal. “A perda de massa e força muscular é diversa entre os indivíduos, tanto por questões biopsicossociais associadas à saúde e a um bom envelhecer, mas, também, por influência do nível de atividade física de cada pessoa” (IDEM, 2020, s/p); e por fim “[...] a sarcopenia é passível de prevenção. A prática de exercícios físicos, principalmente de

resistência, e a melhora da ingestão calórica e de proteína são fundamentais, tanto para a prevenção quanto para o tratamento” (IDEM, 2020, s/p).

Desse modo, “[...] cria-se todas condições possíveis para que nossos hábitos, modos de vida e novas subjetivações sejam criadas [...]” (HENNING, 2019, p. 376), assim, há uma certa ansiedade de se adiantar ao mal, pois a cada dia os indivíduos são informados ou até mesmo atualizados de como devem cuidar de seus corpos, do que é melhor para sua saúde e como podem prevenir o surgimento de eventuais problemas. Além disso, os males são vistos como um desvio, um desregramento perante todas as informações/prevenções que são transmitidas, podendo ser, essa ‘falta’, associada a uma ausência de esforço individual do sujeito (SOARES, 2009). Em reportagens como essas vimos em operação estratégias biopolíticas: a ciência evidencia seus saberes, com seu discurso de verdade e, a partir dela, se produzem diferentes possibilidades de gerenciamento de vidas idosas, determinando hábitos e condutas cotidianas.

Sabemos que o biopoder investe na população a partir das previsões, probabilidades, etc., ou seja, esse modo de governar vai investir no futuro como alvo (FOUCAULT, 2008): “[...] aquilo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer, deve ser pensado para defender a sociedade. É necessário pensar nas estimativas, nas probabilidades, no cenário por vir” (HENNING, 2019, p. 373).

Na reportagem intitulada “Dificuldades com a Memória: como cuidar!” podemos perceber, pela fala de um sujeito-velho, que o discurso pautado na ciência traz esses três elementos do biopoder “Ultimamente tenho percebido que ando esquecendo de nomes, de trancar a porta e de não lembrar o que era para ser feito. *Fico preocupado com esses lapsos de memória e gostaria de tentar melhorar e cuidar essa dificuldade!*” (ARAUJO, 2019, s/p, grifos nossos).

Inicialmente, há o depoimento de um sujeito-velho, onde percebemos os modos de subjetivação presentes, pois o indivíduo assume para si a responsabilidade de se tornar alguém melhor na questão do cuidado com sua memória. Na mesma reportagem identificamos também os discursos de verdade, postos através de saberes científicos sobre o que é a memória e o envelhecimento cognitivo. Logo mais, surgem as estratégias de intervenção, onde aparecem, em forma de dicas, como manter e cuidar bem da nossa memória. A fala de uma experta no assunto, a psicóloga, mestre em Gerontologia pela PUC-

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

SP, especialista em Gerontologia pela SBBG e doutoranda em Ciências da Saúde na Faculdade de Saúde Pública da USP, também é trazida para explicar sobre o trabalho que tem desenvolvido na prevenção e cuidado da memória: “[...] desenvolvo um atendimento de apoio cognitivo emocional estimulando a autoestima por meio de exercícios de interesse pessoal utilizando novas habilidades cognitivas através da técnica de seleção, otimização e compensação de Baltes (1991), em atendimento pessoal” (ARAUJO, 2019, s/p).

Nas seguintes reportagens, intituladas “Metade de todas as iatrogenias poderia ser evitada, diz estudo” e “Dieta do mediterrâneo e envelhecimento saudável”, uma vez mais os saberes médicos e científicos são acionados em favor da tão desejada qualidade de vida.

Iatrogenia é uma das grandes síndromes geriátricas e pode ser definida como sendo qualquer dano, direto ou indireto, decorrente de ações ou omissões praticadas por médicos e/ou outros profissionais da saúde, em qualquer tipo de diagnóstico ou terapêutica. Hoje as iatrogenias são consideradas uma das principais causas de mortalidade e adoecimento em países desenvolvidos, estimando-se que, por exemplo, nos EUA já sejam a terceira causa de mortes no país (METADE, 2019, s/p).

[...] Várias pesquisas demonstram a associação entre o tipo de alimentação e o longeviver, como, por exemplo, pesquisa feita em 2014 em países como Grécia e Itália, onde vivem algumas das populações mais longevas do mundo. Esta pesquisa procurou demonstrar a associação entre o tipo de alimentação local e um bom envelhecer. A partir daí, inúmeros especialistas demonstraram os benefícios da denominada dieta mediterrânea (DIETA, 2020, s/p).

Em outro momento, observamos em uma das reportagens, que é feito um “alerta” a esses indivíduos o qual mostra que, o uso indevido de medicamentos poderá ocasionar riscos à saúde. Percebemos então, que os modos de subjetivação surgem atrelados às estratégias de intervenção. “[...] o uso de medicamentos por conta própria ou prescritos por médicos vem aumentando, o que piora a ocorrência de iatrogenias” (METADE, 2019, s/p).

Na “Dieta do Mediterrâneo e envelhecimento saudável” também são trazidos e explicitados os fatores que tal dieta irá trazer como benefício, ou seja, aqueles sujeitos que optarem por uma alimentação seguindo toda ou parte da dieta poderá prevenir diversas doenças associadas à velhice, entre outros fatores como custo-benefício. A dieta do mediterrâneo:

Apresenta uma variedade de fatores nutricionais importantes, tais como: – Menor risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares, cânceres, diabetes e doenças degenerativas; – Protege o corpo da aterosclerose e da trombose; – É uma versão mais econômica; – Tem mais nutrientes do que os alimentos

industrializados, – Ajuda a variar mais a alimentação, sendo bom para o paladar das crianças, fazendo com que seja mais fácil que elas comam legumes, verduras e saladas (DIETA, 2020, s/p).

A partir desse estudo, considerando os materiais midiáticos analisados, vimos que a produção de discursos, de subjetivações e intervenções investem no corpo e/ou pelo corpo dos sujeitos. O corpo é o principal instrumento político da era moderna através das técnicas de disciplinamento, passando por ele também diversas relações de poder (FOUCAULT, 1999) e sobre ele investem-se diferentes estratégias e discursos, não apenas nas esferas social, biológica e cultural, mas, sobretudo, na política.

Ortega (2005, p. 143) nos ajuda a entender duas práticas voltadas para a maneira de enxergar os corpos: a ascética – vista e utilizada na Antiguidade – e a bio-ascética, prática contemporânea. Tais práticas se diferenciam basicamente na maneira como o sujeito vai ser visto pelos outros e por si mesmo dentro da sociedade. Enquanto as práticas ascéticas vão priorizar a liberdade dos sujeitos e implicar um objetivo voltado ao espiritual, as bio-ascéticas não estão “[...] a serviço da liberdade, é uma vontade ressentida, serva da ciência, da causalidade, da necessidade, que constrange a liberdade de criação e elimina a espontaneidade”.

Com o surgimento do biopoder, essas práticas ascéticas passam a ser vistas sob novos critérios de reconhecimento, de valores e de mérito baseados não mais em valores de agrupamentos tradicionais, como antes: de raça, classe, orientação política, etc., mas sim baseados em saúde, longevidade, performances corporais, entre outros (ORTEGA, 2005). Além disso, o autor também explica que as ações de cada indivíduo começam a ser dirigidas visando melhoras físicas, longevidade, prolongamento da juventude, entre outros. Isto é,

Na bioassociabilidade todo um vocabulário médico fisicalista, baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tono muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação ‘quase moral’, fornecendo os critérios de avaliação individual (ORTEGA, p. 154, grifo do autor).

Sendo assim, será através das práticas bio-ascéticas que o corpo do sujeito será “julgado”, é nesse corpo que estão inscritas as marcas de cada indivíduo, suas condutas e escolhas. No caso dos sujeitos-velhos são muitos os discursos a respeito de práticas e atividades físicas. Vejamos abaixo a reportagem do Portal do Envelhecimento ao anunciar a “necessidade” do exercício físico na velhice:

Dentre as várias atividades físicas, o alongamento regular se torna especialmente importante à medida que envelhecemos. A flexibilidade diminui naturalmente com

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

o tempo, à medida que os músculos perdem força e tônus e os ligamentos e tendões ficam mais estreitos. Pesquisas demonstram queda acentuada da flexibilidade a partir dos 70 anos de idade. A inatividade física, principalmente para idosos, pode ser muito prejudicial, pois a diminuição da mobilidade das articulações, surgimento de novas ou antigas dores e a perda de massa muscular podem resultar em maior risco de queda. (ALONGAMENTO, 2020, s/p).

Há uma rede de discursos e pesquisas que se formam em torno da chamada “qualidade de vida”. Esses discursos trazem dados e informações ditas verdadeiras pela ciência e têm visibilidade em nossa governamentalidade hoje. Pautando-se nas práticas bioascéticas, tais discursos vão objetivar a condução das condutas dos sujeitos. É importante ressaltar, segundo Foucault (1979), que essa nova arte de governar tem a necessidade de conhecer seu objeto, a natureza daquilo que é governado, não interessando ao Estado uma sabedoria divina como era levado em consideração antigamente pelos soberanos, mas o corpo da população como seu objeto, traçando estratégias biopolíticas que se valem dos saberes especializados, como por exemplo, a medicina.

Analisando a reportagem apresentada sobre atividade física (ALONGAMENTO, 2020, s/p), fica evidente que os sujeitos-velhos terão conhecimento sobre como proceder para a prevenção das doenças e debilidades que a idade trará para seus corpos e, ao mesmo tempo, são informados sobre os prejuízos e perdas que a inatividade física acarretará. Isso mostra o quanto que essa ‘liberdade’ de escolha, que todo sujeito que é governado possui, acaba sendo uma armadilha, muitas vezes para que eles assumam a direção de suas vidas e sejam seus próprios “gestores” e “vigias”.

Identificamos no Portal do Envelhecimento diversas reportagens que direcionam e chamam a atenção do(a) leitor(a) aos possíveis riscos que os(as) idosos(as) estão sujeitos como “Pesquisa revela aumento de óbitos de idosos em casa no Rio de Janeiro” (2020) ou ainda “Os perigos do envelhecimento da pele” (2020), porém, além de problemas relacionados ao avanço da idade, também há doenças e problemas que algumas condutas consideradas inadequadas trarão, como é o caso da seguinte reportagem: “Hábitos nocivos matam mais de 60 mil brasileiros de câncer por ano no Brasil”. Ao ler a matéria, nos deparamos com o trecho:

Estilos de vida que incluem tabagismo, consumo de álcool, sobrepeso/obesidade, dieta pouco saudável e falta de atividade física, entre outros fatores, têm sido associados ao aumento do risco de pelo menos 20 tipos de câncer. Um estudo sobre o tema acaba de ser publicado pela revista científica *Cancer Epidemiology* [...] (HÁBITOS, 2019, s/p, grifos nossos).

Analisando o que foi dito, percebemos o uso da expressão “estilo de vida” designando uma escolha individual do sujeito que optou por viver desta forma, mas que ainda está em tempo de mudar, isto é, é possível optar por uma modificação de comportamento e de “estilo de vida”. Além da matéria trazer conhecimento acerca dos riscos ela também traz informações a respeito dos benefícios que essa mudança de comportamento e de conduta irá gerar, conforme podemos observar:

De acordo com a investigação, a incidência de câncer de pulmão, laringe, orofaringe, esôfago e colón e reto pode ser reduzida pela metade, caso existam políticas adequadas que apoiem a transformação de hábitos dos brasileiros. Ademais, a mortalidade de 13 dos 20 tipos de câncer analisados pode ser reduzida em 20% (HÁBITOS, 2019, s/p).

Sendo assim, é possível reconhecer que através dos meios de comunicação e informação que nos cercam, nossas subjetividades são formadas, moldadas e até mesmo modificadas ao decorrer da vida. Em tempos biopolíticos, será a partir dos saberes que os indivíduos irão guiar suas escolhas e, dependendo delas, serão divididos e hierarquizados para um melhor controle. No caso dos idosos, essa população através das práticas bioascéticas, são caracterizados em “bons” e “maus”, de acordo com suas escolhas.

Guita Debert (2016) vai explicar que com a chegada do biopoder essa mudança no controle da população, com censos demográficos, controles populacionais, hierarquizações, etc. fizeram com que a população idosa se “encaixasse” em um espaço cronológico, ou seja, foi a partir de dados estatísticos e demográficos, que enquadraram e capturaram os sujeitos-velhos, que eles obtiveram visibilidade social. E, ainda dentro dessa perspectiva, houve a definição das aposentadorias, ciências especializadas começaram a surgir e a ideia daquele sujeito-velho relacionada às perdas de capacidades físicas e sociais passa a ser olhada e investida sobre um viés de ganhos. No entanto, um novo modo de ser velho surge. Maia relata que há um processo:

[...] que acaba por recodificar a experiência de envelhecer na sociedade contemporânea. Este fato abre espaço para a proliferação de estratégias de combate à deterioração e decadência do corpo, que enfatizam a prevenção ao envelhecimento numa tentativa de retardá-lo ou, até mesmo, evitá-lo (2008, p. 706).

O autor ainda explica que esse desejo pela juventude faz com que tal categoria se torne um estilo de vida que os sujeitos devem buscar incessantemente. Dito isso, podemos refletir no quanto a busca por saúde, autonomia e melhores condições de vida muitas vezes

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

acabam sendo interpelados ou até mesmo atropelados por esse desejo de juventude, onde os sujeitos-velhos ao almejam uma velhice bem vivida ainda almejam “esconder” essa idade através de procedimentos em seus corpos. A autora ainda nos diz que o corpo “[...] passa a ser submetido a um regime em que nada pode vazar ou fugir ao controle: deve-se manter uma superfície lisa e sem rugas, um corpo belo, jovem e vigoroso” (2008, p. 706).

Sabemos que o corpo ideal é fruto das relações de poder e dos discursos de verdade que nos atravessam diariamente e, conforme já dito, nos produzem e produzem nossas subjetividades. É através, principalmente, dos elementos do biopoder que os sujeitos se constituem e constituem a sociedade em que vivem, além do mais, a preocupação e o surgimento da categoria idosa, a qual abrange indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos de idade de acordo com a lei nº 8.842/94 (BRASIL, 1994), só foi possível por meio de discursos de verdade e de sujeições, os quais fixaram indivíduos nessa classe, fizeram com que eles se identificassem e fossem visibilizados dentro da sociedade para lutarem pelos seus direitos e cumprirem com seus deveres enquanto cidadãos.

É nas malhas biopolíticas que vemos a fabricação de um novo velho. Concatenado a seu tempo, esse corpo se subjetiva e se fabrica a partir dos discursos de verdade e estratégias de intervenção que tatuam seus corpos e elaboram um outro modo de se produzir a velhice em tempos atravessados pela governamentalidade de nosso tempo.

Considerações finais

Olhar com desconfiança para os materiais midiáticos aqui apresentados foi uma das nossas atividades ao longo desse estudo. Pretendemos demarcar a presença das estratégias biopolíticas que capturam a nós, sujeitos desse tempo. Merece nosso debruçar os discursos midiáticos que nos constituem e nos subjetivam. Trata-se de entender que esses materiais nos educam, nos produzem e investem na condução dos nossos modos de existir e conviver na atualidade.

Por isso, um dos focos do nosso texto passa por compreender como somos governados por valores de verdade que se alojam nos espaços mais íntimos de nossas vidas, em nosso cotidiano, em nossas casas, em nossos corpos. Como Foucault nos convida, talvez pudéssemos estranhar os modos de condução que tão facilmente são aceitos por nós, dando lugar de destaque aos ditos científicos sem questionar o quanto eles investem em

modos de ser, definindo práticas que determinam, de uma ponta a outra, a nossa vida cotidiana.

É ainda Foucault (1978, p. 4) que nos ajuda a resistir aos modos de governo que se produzem nas malhas biopolíticas. Vale nos perguntarmos como “não ser governado assim e a esse preço”? Pensemos em múltiplas possibilidades de viver a velhice, de produzir em nós possibilidades de existir e conviver a partir do ato de criação e inventividade, para além dos estabelecidos e definidos por estratégias de controle da vida. Talvez mereça nosso estranhamento os processos de normalização que insistem em se instalar nos modos que conduzimos nossas existências. Trata-se, quem sabe, de outros possíveis para experimentar diferentes caminhos para o seu envelhecer. Essa é a nossa aposta!

Referências

A UNIVERSIDADE ABERTA É A CHAVE PARA O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2019. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-universidade-aberta-e-chave-para-o-envelhecimento-saudavel/>. Acesso em 15 abr 2021.

ALONGAMENTO EM CASA. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/alongamento-em-casa/>. Acesso em: 28 abr 2021.

ANDRADE, Paula Deporte de. Cultura e pedagogia: a proliferação das pedagogias adjetivadas. In: **Anais eletrônicos ANPED SUL**, 10º, 2014, Florianópolis. Florianópolis: FAED/UDESC, 2014. p. 1 - 19. Disponível em http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/671-o.pdf. Acesso em 25 jul. 2021.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, v. 17, n. 34, mai/ago 2015, p. 48-63. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em 23 jul. 2021.

ARAUJO, Eliana Novaes Procopio de. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2019. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/dificuldades-com-a-memoria-como-cuidar/>. Acesso em: 04 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm. Acesso em: 12 mai. 2021.

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da **Política de Alimentação e Nutrição**. O que é vida saudável?: Álbum seriado / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 1ª reimpressão.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, mai/jun/jul/ago 2003, p. 36-61. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>. Acesso em 25 maio. 2021.

DEBERT, Guita. A invenção da Terceira Idade. **Café Filosófico CPFL**. YouTube, 2016. (49min05seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3QmyTF_-9Uk&t=2363s. Acesso em: 28 abr. 2021.

DIETA DO MEDITERRÂNEO E ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2019. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/dieta-do-mediterraneo-e-envelhecimento-saudavel/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

FONSECA, Márcio da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2016.

FONSECA, Márcio da. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Saraiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. A tecnologia Política dos Indivíduos. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 301-318.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica**. Conferência proferida a Sociedade Francesa de Filosofia em 27 de maio de 1978. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf> Acesso em 30 jun. 2021.

HÁBITOS NOCIVOS MATAM MAIS DE 60 MIL BRASILEIROS DE CÂNCER POR ANO NO BRASIL. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/habitos-nocivos-matam-mais-de-60-mil-brasileiros-de-cancer-por-ano-no-brasil/>. Acesso em 2 abr. 2021.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/ecopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. **Educação Unisinos** n. 23(2), p.367-382, abr-jun 2019. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.232.11> Acesso em 04 maio 2021.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueiroa; BRITO, Ana Maria de. Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Ver. Bras. Geriatr. Gerontol.**, 9(2), 2006, p. 25-34. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v9n2/1981-2256-rbgg-09-02-0025.pdf>. Acesso em 5 ago. 2021.

MAIA, Gabriela Felten da. Corpo e velhice na contemporaneidade. **Estudo e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro. n. 3, p. 704-711, 2008. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a11.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

METADE DE TODAS AS IATROGENIAS PODERIA SER EVITADA DIZ ESTUDO. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2019. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/metade-de-todas-as-iatrogenias-poderia-ser-evitada-diz-estudo/>. Acesso em: 6 mai. 2021.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 139-173.

OS PERIGOS DO ENVELHECIMENTO DA PELE. **Web Site Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/os-perigos-do-envelhecimento-da-pele/>. Acesso em: 05 mai. 2021.

PESQUISA REVELA AUMENTO DE ÓBITOS DE IDOSOS EM CASA NO RIO DE JANEIRO. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/pesquisa-revela-aumento-de-obitos-de-idosos-em-casa-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 05 mai. 2021.

RABINOW, Paul; ROSE, Nicolas. O conceito de biopoder hoje. **Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais**, n. 24, p. 27-57, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600/4156>. Acesso em: 04 maio 2021.

RODRIGUES, Lizete; SOARES, Geraldo. Velho, Idoso e Terceira Idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, n. 4, 2006, p. 1-29. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>. Acesso em 25 mar. 2021.

SARCOPIENIA O QUE É E COMO PREVENI-LA. **Web site Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/sarcopenia-o-que-e-e-como-preveni-la/>. Acesso em: 26 abr. 2021

SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. In.: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009, p. 63-82.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A visão dos estudos culturais da ciência. **ComCiência** n. 100, 2008. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n100/n100a12.pdf>. Acesso em 25 jul. 2021.

Estratégias biopolíticas de gerenciamento da velhice na atualidade: educando através da mídia

Sobre as autoras

Jaira Picanço Duarte

Licenciada em Educação Física e mestranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

E-mail: jaira@furg.br **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6951-3707>

Paula Corrêa Henning

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Professora Associada III do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da mesma Universidade. Bolsista Produtividade 2 do CNPq.

E-mail: paula.c.henning@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-3697-9030>

Recebido em: 21/10/2021

Aceito para publicação em: 08/11/2021